

Deputado inimigo de Brizola *Samuel* vai depor em defesa de Groff

O bioquímico Danilo Groff, acusado de ser um dos apedrejadores do ônibus que conduziu o presidente José Sarney e sua comitiva, do Paço Imperial, no centro do Rio, à Base Aérea do Galeão, dia 25 de junho, ganhou ontem uma testemunha espontânea e importante: o deputado estadual Alcides Fonseca, do PTB, por ironia um dos mais ferrenhos opositores do ex-governador Leonel Brizola, de quem o militante do PDT, preso na Polícia Federal, foi assessor.

Fonseca, cujo carro oficial se encontrava próximo ao ônibus alugado para servir à Presidência da República, recebendo, por isso mesmo, sobras das pedradas, foi convidado pelo delegado do Dops, Carlos Mandin de Oliveira, que preside o inquérito instaurado com base na Lei de Segurança Nacional, para falar do estado em que ficou o veículo. O convite foi feito por telefone e o deputado sugeriu ao delegado que o reafirmasse por escrito, mas adiantou que iria surpreendê-lo, porque se encontrava próximo a Groff, na hora em que as pedradas mais se intensificaram, e viu que ele tinha as mãos tomadas por papéis — “que pareciam prospectos de propaganda”.

Na Justiça — Em seu gabinete na Assembléia, o deputado Alcides Fonseca, líder do PTB, contou que o seu diálogo com Mandin, por telefone, foi demorado. O delegado do Dops não

escondeu que a sugestão de convidá-lo para depor no inquérito sobre as agressões sofridas pelo presidente da República, na sua última visita ao Rio, haviam partido do eletricista Paulo Herrera, o mesmo que denunciou Groff.

— Eu ia ao DPF, depois que o delegado reafirmou seu convite por escrito, mas pensei melhor e decidi só depor quando o processo ganhar a fase judicial. Ai, então, vou à Justiça para depor em favor de um sujeito de quem não gosto, desde o tempo em que integrei os quadros do PDT, mas que nesse caso é inocente — acrescentou o parlamentar petebista.

Fiscal de Rendas da Secretaria de Fazenda do Governo do Estado do Rio, Alcides Fonseca, que é conhecido entre os amigos por *Fonsequinha*, ganhou, em 1982, no rastro do *brizolismo*, sua primeira eleição de deputado. No PDT, em cima de um caminhão velho, no qual montou um serviço de som rudimentar. Era, como dizia à época, “o caminhão da denúncia”, que muitas vezes levou, na cabine, o ex-governador Leonel Brizola.

Fonseca fez em 1982, do então governador Chagas Freitas e do *chaguismo*, o seu grande alvo. Um ano depois de empossado, ele rompeu com Brizola, contrariado com um acordo feito pelo ex-governador com o PMDB para conseguir maioria na Assembléia. Lembrando esse fato — reeleger-se pelo PTB, ano passa-

do, fazendo a Brizola as mesmas críticas que havia feito a Chagas (“quem protege corruptos, corrupto é”), o líder petebista acha que será no processo do Dops testemunha insuspeita:

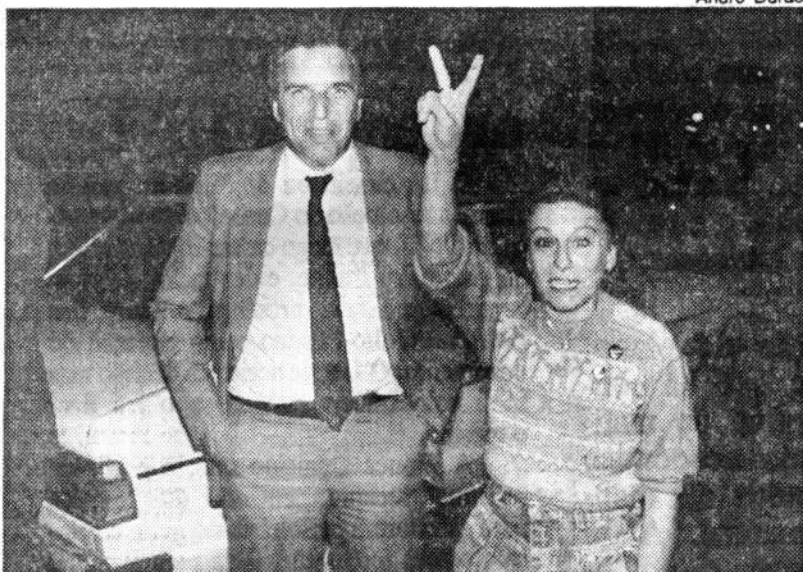
— Eu odeio Brizola e a *brizolândia* isso não é novidade para ninguém. Mas se deixasse o Danilo Groff, apesar de patife, ser condenado por um crime que não cometeu, eu não dormiria tranquilo. Ele, no auge das pedradas, estava encostado à parede, no lado oposto ao que se encontrava o ônibus apedrejado. Quando populares corriam, de um lado para o outro, ele chegou a escorregar e cair. Essa é a verdade.

☐ O bioquímico Danilo Groff vai continuar preso na Superintendência da Polícia Federal do Rio até que acabem as investigações sobre o apedrejamento do ônibus da comitiva do presidente Sarney. A decisão foi tomada pelo ministro Paulo César Catão, presidente interino do Superior Tribunal Militar, que negou pedido de habeas corpus feito a favor de Groff. De acordo com o ministro, Groff não poderia ser solto porque as investigações prosseguem e o inquérito não está encerrado. O advogado do bioquímico, Nilo Batista, contesta o fato de o delegado ter feito o pedido de prorrogação da prisão cautelar à auditoria.

Plantão termina em frustração

A negativa do habeas corpus impetrado a favor de Danilo Groff surpreendeu o advogado Nilo Batista, que tinha como certa a libertação de seu cliente. Durante toda a tarde foi tenso o clima na Polícia Federal, com os advogados Batista e Edson Borges aguardando a confirmação de Brasília de que Groff e Maurício Pencak seriam soltos. A decisão do presidente interino do STM de negar o pedido surpreendeu os advogados e indignou os parentes dos presos, a mulher de Danilo, Ione Groff, e a mãe de Pencak, d. Chana.

De acordo com Nilo Batista, a situação de Groff é mais complicada, já que expira na próxima segunda-feira, às seis e meia da tarde, seu prazo de permanência na Polícia Federal. Edson Borges pretende transferir o enquadramento de Pencak para o Código Penal, como aconteceu com os acusados do comício da Praça da Sé, em São Paulo, mas os dois advogados ainda não sabem qual atitude tomar.



Ione, mulher de Groff, e o advogado Edson Borges

André Durão